

Sarney procura Partidos para impedir crise

Villas-Bóas Corrêa

Brasília — O Senador José Sarney deverá começar hoje — de volta de breve viagem a São Luís acompanhando o Ministro Delfim Neto — discreta e vagarosa articulação entre os líderes e dirigentes partidários para preparar o Congresso para participar de uma solução política para o episódio do Riocentro e, imediatamente, para tentar deter o alarmante processo de desmoralização da instituição parlamentar, numa das piores crises dos últimos anos.

O Palácio do Planalto, fechado na concha do seu silêncio tático e ele próprio apresentando sinais visíveis de divisão interna, cortou praticamente todas as suas vias de comunicação com o Congresso. As fontes políticas palacianas secaram de repente. Ou emudeceram, o que vem a dar no mesmo.

Desarvorado, sem leme e nem bússola, o Congresso perdeu o rumo e se sente perdido. O pânico está fazendo o restante. À margem das coisas, sem saber de nada, sem nenhum contato, largado à própria sorte, o Congresso à deriva trabalha com os seus ressentimentos e com os seus medos eleitorais. Num clima de boatos e sustos, correm céleres as versões mais extravagantes.

Mas o Congresso ou a sua difusa mancha oposicionista está também se sentindo acuada. Enquanto o PDS tem a imprecisa sensação que afinal de contas o Governo manipulará na hora extrema a reforma eleitoral para compor os seus interesses, a Oposição presente que o que virá por aí — tão logo seja possível deglutir as bombas do Riocentro e transitar em julgamento os resultados de um IPM que está sendo trancafiado pelas sete chaves de todos os segredos — será basicamente contra ela.

Ora, mais da metade do Congresso sabe que tem os seus dias contados. São senadores e deputados condenados a um retorno cabisbaixo às suas atividades de origem, das quais estão afastados pelo menos há quatro anos. Para a mediocridade anônima das tarefas que estão esquecidas no passado. Para os dias de adaptação a uma vida sem pompa e sem mordomia no reaprendizado de rotinas que se esvaem num tempo que esperavam que não voltaria.

Não é difícil imaginar a sensação de insegurança que o Congresso respira. Os que sabem que não voltam e estão dispostos a tudo. Os que receiam o esmagamento por entre as engrenagens do casuísmo.

Esses são os argumentos que estão sendo invocados para justificar o que está acontecendo. O espetáculo lamentável e deprimente de um Congresso entregue à própria retaliação, à lapidação implacável de uma imagem frágil, que necessita ser protegida. Há meses, desde que a reforma eleitoral passou a bailar por sobre a cabeça da maioria como uma ameaça à sobrevivência de cada um, que o Congresso perdeu o timo. E o último siso foi arrancado com a explosão da bomba do Riocentro e o Palácio fechado na clausura dos seus mistérios e conveniências.

Tonto e em órbita, o Congresso perdeu de vez as estribelhas. Todos os dias arranca mais um tijolo da sua estrutura, em demolição suicida. E, em chorrilho, tem-se desnudado nas vergonhas das propostas de prorrogação de mandato, de reeleição, nas ameaças bobas da fusão oposicionista que não metem medo a ninguém ou na estupidez senatorial da obstrução. A cada dia mais um arranhão na respeitabilidade comprometida.

A preocupação custou a atingir a lideranças também perdidas mas que acreditam que é preciso um esforço para a salvação comum. O que o Senador José Sarney se propõe, como presidente do maior Partido que é o Governo, é conversar para uma tomada de consciência coletiva. A instituição está-se deixando levar para o naufrágio.

E, é claro, principiar a arar o terreno para receber as sementes políticas. O Planalto, quando recuperar a fala depois de concluído o IPM do Riocentro, terá que falar com o Congresso. Pois que qualquer que seja a solução final ela terá que ser articulada politicamente para a sua absorção sem riscos. Ora, o Governo tem o que oferecer à classe política. Desde a garantia da realização de eleições em 1982 para os Governos estaduais até o compromisso de uma reforma eleitoral definida em compromissos quanto a pontos essenciais. Sem casuísmos que configurem um expediente inaceitável pela Oposição. O projeto político da abertura poderá retornar à sua posição no tope da hierarquia das reivindicações nacionais. Talvez já tenha soado a hora de alguém lembrar que é indispensável salvar os dedos mesmo com alguns anéis perdidos. Desde que os dedos não fiquem escalavrados demais.